

MINECRAFT

A ALDEIA



MAX BROOKS

Para os filhos da guerra.
Que os vossos filhos conheçam apenas a paz.



INTRODUÇÃO



Oaqui fala a Summer, a companheira mais pragmática do Guy. Estou a escrever esta parte para dar mais tempo ao Guy para preparar o seu equipamento para a nossa próxima aventura. Não te preocupes, esta história continua a ser dele, embora mais tarde escreva um pouco mais. Também vou escrever todas as novas lições que aprendemos nesta aventura porque, tal como nos dois últimos livros do Guy, há muito para aprender. E se não leste os últimos dois livros... bem, é para isso que serve esta introdução.

Fica a saber que, há algum tempo, o Guy apareceu neste mundo estranho feito de blocos sem memória e sem saber como sobreviver. E passou o primeiro livro numa ilha a aprender como o fazer. E não estou a falar só de aprender a fazer fogo ou ferramentas, mas também a aprender quem ele era: como pensar e agir e, bem, como ser uma pessoa «equilibrada», por assim dizer. E de todas as lições sobre a vida que ele aprendeu

naquela ilha, a última dizia que ele tinha de seguir caminho. «Não é na zona de conforto que vais crescer», costuma ele dizer, «mas sim fora dela.» E assim, ele partiu à descoberta de novas partes deste mundo e, quem sabe, do caminho para casa. Atravessou o mar à força de remos, deparou-se com uma nova região gelada e, eventualmente, acabou por me encontrar.

Assim como o Guy, eu também apareci de repente neste mundo e tive de lutar pela minha sobrevivência. Mas eu não tive nenhuma revelação estrondosa. Tal como já disse, sou uma pessoa mais prática e objetiva, enquanto o Guy tem tendência a pensar e falar sobre tudo. Sem parar.

O nosso primeiro encontro não correu lá muito bem. Tivemos dificuldades em aprender como ser amigos. Mas, ao longo das aventuras no meu palácio da montanha, e por baixo dele, no Nether, tornámo-nos inseparáveis. Foi por isso que, quando chegou a altura de o Guy seguir o seu caminho, eu tomei a decisão difícil de me juntar a ele. E é aí que começa esta história, com os primeiros passos da nossa nova jornada.

Passo-te a palavra, Guy...

CAPÍTULO 1

— E stamos a ir na direção certa?
A Summer fez-me esta pergunta assim que saímos da sua fortaleza subterrânea. Era uma boa pergunta, mas eu não tinha uma boa resposta.

— Não sei. — Encolhi os ombros. — Mas esta direção levou-me a ti, por isso parece-me tão boa como qualquer outra.

Estávamos a dirigir-nos para oeste, a pisar a neve estaladiça que cobria a taiga e com o vento gélido a empurrar-nos pelas costas.

— Nadar nesta direção levou-me à minha ilha — continuei eu — e, quando finalmente a abandonei, remar nesta direção levou-me até ti.

— Contra factos não há argumentos. — A Summer anuiu com a cabeça e depois focou-se no território que se estendia à nossa frente. — Temos muito que andar antes do cair da noite — declarou.

O nosso plano para o primeiro dia era atravessar este pedaço de taiga e a floresta que se seguia e depois acampar à saída, antes de partirmos para a próxima taiga. O segundo dia terminaria na selva. A Summer nunca tinha viajado além da selva. Nessa direção ficava o grande desconhecido.

Era um plano simples e bastante viável desde que não tivéssemos problemas. Mas tinha começado a nevar, o que afetava a nossa visibilidade e podia ajudar a esconder um creeper ou outro mob noturno sortudo o suficiente para se abrigar à sombra de uma árvore.

Foi por isso que a Summer não disse mais nada, não só porque já tinha terminado de ponderar a nossa decisão, mas também para se concentrar nos potenciais perigos. Os mobs da superfície não eram o único perigo por aqui. Também havia «armadilhas de neve», como aquela em que tínhamos caído na minha primeira noite neste continente. Só de pensar nisso fiquei com arrepios: o buraco coberto, o lago gelado, o esqueleto a disparar no meio do escuro.

Tinha de haver por ali mais ameaças naturais como aquela, e também outras novas. Este mundo estava sempre a mudar. Já tinha acontecido pelo menos duas vezes desde que tinha conhecido a Summer. Novos animais, novas plantas e, no caso do Nether, novos ambientes que quase nos tinham levado às nossas mortes.

Será que a taiga também tinha sofrido alguma mudança recente? Se tinha, estava invisível aos nossos olhos. Tínhamos estado tão obcecados em «eletrificar» a montanha com os candeeiros de redstone que nem sequer tínhamos vindo ao

exterior para dar um mergulho no rio gelado que corria ali perto. Se o mundo da superfície tinha mudado, em breve iríamos descobrir. Mas eu não estava preocupado. Eu sabia que éramos capazes de lidar com tudo o que pudéssemos encontrar. Tal como eu tinha aprendido na minha ilha: quando o mundo muda, nós temos de mudar com ele.

E fui o que eu fiz, sem falhar. A primeira mudança tinha-me dado os meios para fazer o escudo na minha mão esquerda. E a mais recente transformação tinha-me dado acesso à besta que agora trazia na minha mão direita. Já estava bem habituado a esta nova arma, e até já a preferia em comparação com o meu velho arco. Em primeiro lugar, podia deixá-la pronta a disparar, o que significava que não precisava de fazer força a puxar a corda nem abrandar para preparar um disparo. E, em segundo lugar (e isto era importante para mim), não era uma arma de fogo rápido. Isso pode parecer uma desvantagem, mas por esta altura já estava a ficar sem flechas.

Porque não fazer mais? Boa pergunta, especialmente se não encontraste os dois últimos livros que deixei para outros aventureiros perdidos, mas ficas a saber que eu já não mato animais para comer. Fiquei com remorsos desde que massacrei o bando de galinhas que tinha na ilha. Estava a tentar não pensar nesses tempos, mas ultimamente aquilo não me saía da cabeça. A minha reserva original de flechas estava a acabar e, tal como deves saber (ou talvez não, se não conheceres este mundo), não é possível fazer flechas sem penas de galinha.

O que queres que eu faça? Que comece a matar as pobres aves outra vez? Ou que peça penas à Summer quando ela mata

um animal? Há muito tempo aprendi que por vezes temos de fazer um compromisso com um ideal se queremos salvá-lo, mas eu ainda não estava pronto para fazer esse compromisso. No fundo, esperava que, ao usar a besta para poupar flechas, conseguisse ter tempo suficiente para me decidir de uma vez por todas.

E espero que não te aborreças comigo por te ter tirado da história com este aparte que parece completamente aleatório. Acredita em mim, não é. Tal como me aconteceu a mim, também tu verás como este dilema moral será importante mais tarde. Mas naquela manhã, tudo o que importava eram os perigos que tínhamos pela frente. Ou para ser mais exato, a falta deles.

Nada de mobs novos, nada de plantas ou animais novos e, felizmente, nada de ameaças antigas como um fino tapete de neve ansioso por nos conduzir a uma queda mortal. Chegámos ao iglu onde eu tinha encontrado a Summer pela primeira vez sem incidentes, e depois continuámos para a floresta que ficava na orla daquele deserto gelado.

Parámos nos arbustos de bagas doces, que tinham aparecido depois da última mudança, e fizemos um lanche rápido e saboroso. Tínhamos trazido bastante comida connosco, mas, como regra geral, era sempre melhor aproveitarmos o que a terra nos tinha para dar. Pessoalmente, fiquei contente por a Summer ter enchido a barriga de bagas, porque caso contrário ela poderia ter saciado a sua fome com a próxima fonte de comida que passou por nós.

— Muuuu.

Vacas. A manada que tinha encontrado antes, tal como a minha melhor amiga na ilha, a *Muu*. Sim, eu sei que não foi

muito original chamar *Muu* a um animal que muge, mas a Summer também me tinha batizado de «Guy», que em inglês quer dizer simplesmente «rapaz». Simples, mas eficaz, tal como quando batizei a Summer pela sua gargalhada fresca como uma brisa de verão... e isto são apenas nomes próprios! Espera até avançarmos mais na história, quando vires alguns dos apelidos que vamos arranjar para outras pessoas.

Mas ainda não chegámos lá. Neste momento, o mais importante eram as vacas à nossa frente e os outros animais atrás delas.

— Méééé.

— Olá, rebanho — disse eu à ovelha —, já lá vai algum tempo. — Fiquei feliz por verificar que as ovelhas estavam todas aqui, incluindo o *Chippie*, um cordeiro castanho que eu tinha ajudado a gerar ao alimentar os seus pais quando os tinha encontrado pela primeira vez. Menos ovelhas seria sinónimo de mais lobos, e como tínhamos eliminado a alcateia original há algum tempo, fiquei feliz por ver que as novas mudanças não tinham trazido mais predadores.

OK, só uma nota. Eu sei que não é suposto interferirmos com a ordem natural, certo? Se retirarmos da equação o animal A que come o animal B, em breve o animal B vai multiplicar-se de forma descontrolada. Mas isso é no nosso mundo, certo? Aqui, o facto de este rebanho não ter crescido sozinho é prova de que na verdade eu preservei o equilíbrio ao remover os predadores.

— Não precisas de me agradecer — disse eu ao *Chip*. — E fico feliz por ver que não há novas alterações na vida animal por aqui. — Olhei para cima e vi uma raposa branca a

escapular-se pelo meio das árvores. — Estava a pensar, como já temos ursos-polares, a próxima mudança deste mundo pode trazer-nos ursos-pardos ou... como se chamam aqueles símios míticos que supostamente andam escondidos nos bosques? Yeti ou Pé Grande?

— Não sejas paranoico — ralhou a Summer, entre uma baga e outra.

— Só estou à espera de que o outro sapato caia — respondi eu, e depois soltei uma gargalhada meio roncada. — Percebeste? Pé Grande? Sapato?

Todos ficaram a olhar para mim: a Summer, as vacas e as ovelhas.

— Que público difícil — afirmei com um encolher de ombros —, o que quer dizer que provavelmente está na hora de continuarmos.

— Só um momento — interrompeu a Summer, e virou-se para subir a um pequeno monte.

— Onde vais? — gritei-lhe eu, a acenar para as suas costas. — Estamos a ficar sem luz do dia!

— Não demoro muito — respondeu ela por cima do ombro.

Eu estava prestes a insistir e a perguntar-lhe qual era o motivo daquele súbito desvio, mas depois reparei que a neve tinha parado de cair, e quando ela alcançou o topo do monte, finalmente percebi o que estava a fazer.

A Summer estava a olhar para trás, na direção da sua montanha, e a dar uns passos para trás e para a frente. Este mundo tem uma coisa estranha: os objetos distantes estão sempre

obscurecidos por uma neblina. Às vezes não conseguimos ver nada, mas se dermos um passo ou dois em frente, de repente as coisas aparecem. Era isso que a Summer estava a fazer, a atravessar de um lado para outro aquela linha exata onde a montanha dela aparecia e desaparecia.

— Ela está a despedir-se — disse eu ao *Chippie*. — Como naquele livro ou livros? Ou se calhar era um filme, porque lembro-me de como o ator apanhou bem aquela cena em particular.

— Mé? — perguntou a pequena ovelha castanha.

— Ah, pois — respondi. — Não deves ter visto. É um filme de fantasia mágico sobre pessoas pequenas que partem numa grande aventura, e numa das primeiras cenas, um ator brilhante diz algo como: «Se der mais um passo em frente, será o mais longe de casa que alguma vez estive».

— Mé.

— Pois, acho que a Summer não está a passar exatamente pelo mesmo — disse ao *Chip*. — Tecnicamente, ela não está a deixar a sua casa, mas sim a partir em busca da sua *verdadeira* casa. Mas aquela montanha era tudo para ela. Ela escavou-a, mobilou-a, deu-lhe luz e calor. Manteve-a viva e segura por tanto tempo, e agora está a deixar tudo para trás...

— Mé. — A resposta do *Chip* deu-me um aperto no estômago.

— Como assim, «se» ela deixar tudo para trás? Ela vem comigo. Já combinámos. Ela...

— Mé.

Eu suspirei.

— Tens razão. Eu também inventei montes de desculpas para não sair da minha ilha, e quando o fiz, quase dei meia-volta ao barco e voltei para trás. E agora que penso nisso, a Summer e eu quase terminámos a nossa amizade, porque ela tinha demasiado medo para sair da sua zona de conforto.

Olhei para a minha amiga, lá em cima, sozinha no topo do monte, olhos virados para leste, para o passado.

— Tenho de ir falar com ela — disse ao *Chip*. — Tenho de me certificar de que ela não está arrependida, lembrar-lhe que o crescimento não acontece quando estamos na nossa zona de conforto, mas sim quando saímos dela!

— Muu! — Aquela era a vaca a meter-se na nossa conversa.

— Quem é que te perguntou? — perguntei eu de repente, na defensiva. — E o que queres que eu faça? Que a deixe mudar de ideias agora?

— Muu — insistiu a vaca, quase com a mesma voz da minha amiga da ilha, a *Muu*, e com os mesmos conselhos sábios.

— Tens razão — resmunguei. — Os amigos respeitam as escolhas uns dos outros. — Virei costas ao monte e dei à Summer um verdadeiro momento a sós. — Ela só conseguiu partir porque tomou a decisão sozinha, e só assim é que ela vai poder continuar o seu caminho. A vida é dela. E as escolhas também.

— É bom saber isso.

— O-que-oláaa... — Dei meia-volta e a Summer estava mesmo ali. — Eu estava só a, hã...

— Sim, eu sei — disse ela. — Eu consegui ouvir a tua conversa toda ali de cima, e sim, eu estava a despedir-me.

— Ah, b-bem... — gaguejei eu.

— Vamos lá, então — declarou ela, animada, enquanto marchava em direção ao bosque. — Temos de chegar à outra taiga antes que fique escuro.

— Hã, sim, claro — murmurei eu.

— E Guy... — disse ela, sem olhar para trás. — Obrigada.

Eu não respondi. Sabia que ela precisava de silêncio. A Summer não era muito dada à conversa. E eu compreendi perfeitamente porquê assim que soube como ela tinha chegado a este mundo. Tal como escrevi no último livro, não sei se eu tinha conseguido sobreviver ao que ela sobreviveu; a surgir na taiga gelada, a viver de carne de zombie (sem leite) e a ter de lutar só para conseguir resistir mais um dia. Ela não se podia dar ao luxo de mostrar os seus sentimentos. Teve de endurecer o coração. Por isso, não insisti nem tentei fazer com que ela falasse de como se estava a sentir. Só estava aliviado por saber que ela estava comigo.

E esse alívio evaporou-se meros minutos depois.

— Não podemos continuar.

Estávamos quase no final da floresta. A Summer estava um pouco mais à frente, parada no topo de uma pequena inclinação.

— O quê? Porquê? — As palavras saíram-me rápidas e nervosas. Desta vez, não me consegui controlar. Eu pensei que tínhamos chegado a um acordo. Porque é que ela tinha mudado de ideias tão depressa?

— Vê com os teus próprios olhos — disse ela, a apontar com o seu braço em forma de bloco.

Subi o pequeno monte até junto dela e vi que afinal quem tinha mudado era o mundo. A próxima taiga tinha desaparecido e no seu lugar estava uma barreira de montes altos. Ficámos

a olhar por um momento, espantados com aquelas encostas íngremes salpicadas de abetos escuros e manchas brilhantes de blocos de neve.

— Nunca vamos conseguir atravessar isto antes da noite chegar — disse a Summer. Depois, enquanto olhava em volta à procura do melhor local para um abrigo, perguntou: — O que te parece? Iglu ou caverna?

— E que tal uma cabana com troncos? — sugeri. — É mais confortável, seria mais visível para possíveis viajantes que nos sigam e — abri os braços para as árvores à nossa volta — concordámos em aproveitar todos os recursos que conseguíssemos encontrar pelo caminho, certo? — Eu estava a referir-me à nossa estratégia a longo prazo de viver da terra sempre que possível. Porque, embora os nossos inventários estivessem recheados com os mais variados artigos, desde comida a ferramentas e tochas e varinhas de blaze, a verdade é que mais tarde ou mais cedo os nossos suprimentos iriam terminar.

— Não podia estar mais de acordo — respondeu a Summer, anuindo com a cabeça, e deitou mão à mais recente adição a este mundo em constante mudança, o seu machado de netherite. Era um novo material ou... liga? Não é essa a palavra certa? Quando misturamos vários metais diferentes num só? Foi o que fizemos com lingotes de ouro e restos deste minério misterioso do Nether. Seguindo as instruções no livro que tínhamos encontrado no bastião do Nether, tínhamos aprendido a fazer uma mesa de ferreiro para combinar os restos de netherite com o machado de diamante da Summer. O resultado era uma ferramenta que lhe permitia colher madeira como uma máquina.

— Devo conseguir o que precisamos num instante — gritou ela sobre o som de árvores a cair —, por isso se calhar é melhor tratares já da chaminé.

Agora era a minha vez de usar uma ferramenta turbinada do Nether.

Estou a falar da picareta encantada que tinha encontrado na mesma fortaleza em ruínas onde estava a netherite. Além de ser rápida e eficiente, como o machado da Summer, o seu brilho tremeluzente deixava adivinhar que, de alguma forma, seria possível encontrar mais itens encantados ou, talvez, até mesmo uma forma de os encantar eu próprio. Ambas as possibilidades teriam de esperar até mais tarde. Neste momento, estava apenas grato pela forma rápida e fácil com que escavava um veio de pedra do monte mais próximo. Cerca de um minuto depois, já tinha pedra arredondada mais do que suficiente para a chaminé da cabana.

— Nada mau — disse a Summer ao pôr a primeira camada das nossas paredes de sete por nove. — O resto também vai ficar despachado num instante. — E assim foi; primeiro as paredes, depois a porta e, para terminar, o telhado baixo e inclinado feito de tábuas de abeto.

— Vou procurar areia — afirmei eu, enquanto fixávamos as últimas tábuas no sítio. — Para fazer vidro para as janelas.

— Se fosse a ti, pensava melhor — discordou a Summer. — O pôr do sol está quase aí, não é muito seguro.

— É precisamente a segurança que tenho em mente — argumentei —, porque se ficarmos fechados dentro desta caixa de madeira sem forma de olhar para fora, como é que

vamos saber que não temos um creeper à nossa espera amanhã de manhã?

A Summer pensou no assunto por um momento.

— Então e que tal janelas de alçapão? — perguntou.

— Hum? — Eu não estava a perceber.

— Usar alçapões como molduras das janelas — explicou a Summer. — Assim, podemos fechá-los para nos protegermos do frio e abri-los quando quisermos espreitar para fora.

— Isso é uma boa ideia — disse eu, a assentir com a cabeça.

— Não, na verdade é uma *ótima* ideia.

— Obrigada. — A Summer desceu do escadote que tínhamos encostado ao exterior da chaminé e eu segui-a até ao interior da nossa cabana quase terminada para trabalhar nas janelas.

— Deixaste-me a pensar — disse eu, enquanto cortava espaço para as janelas.

— A sério? — troçou a Summer. — Tu? A pensar?

— Ah-ah — ri-me de forma fingida. — Mas a sério, aquilo que estamos a fazer com estas janelas, a usar algo velho para fazer algo novo, e mais estas colinas repentinas, tudo isso deixou-me a pensar em como as mudanças do mundo podem trazer novos itens.

— É possível — respondeu a Summer enquanto fixava as janelas de alçapão no sítio — e vou ficar ansiosa por experimentar, assim que tivermos tempo.

— E não temos tempo agora? — Pus um cubo de rocha do Nether na lareira, acendi-o com o meu sílex e aço, e aproximei-me para afugentar o frio.

E frio era coisa que não faltava naquelas colinas. Este mundo pode não nos deixar morrer de frio, mas os músculos presos, os olhos a arder, os dentes a bater e a dormência ardente nas orelhas, nariz e dedos não eram nada divertidos!

— Ugh — grunhi ao sentir as chamas a aquecerem-me o corpo dormente. — A cabana está pronta, o sol está a pôr-se. Não há nada mais para fazer.

— A não ser dormir. — A Summer encostou a cama a uma das paredes laterais. — Quanto a ti não sei, mas eu não tenciono escalar aquela subida íngreme amanhã sem um bom descanso.

— Tens toda a razão — admiti, e coloquei a minha cama do lado oposto da dela.

— Boa noite, Guy — disse ela, enquanto se enfiava debaixo dos cobertores.

— Boa noite, Summer — respondi, quando me preparava para pousar a cabeça.

Mas não o fiz. Não conseguia. Era demasiado tentador pensar em todas aquelas novas combinações de criação. E já agora, estamos a esquecer as outras duas mudanças do mundo antes desta? Nenhum de nós tinha feito nenhuma experiência nessas alturas. Tínhamos estado sempre ocupados com demasiadas tarefas e desafios antes de partirmos. Mas agora...

Só algumas tentativas, prometi em silêncio à mesa de trabalho, pousando vários materiais enquanto a Summer ressonava tranquilamente atrás de mim. Talvez possa finalmente criar uma camisola de lã ou uma camisa de manga comprida! Só uma ou duas combinações aleatórias antes de ir dormir.

Sim, claro.

Cinco minutos e mais de uma dúzia de misturas depois, soltei um «Uau!» que por pouco não acordava a Summer.

Era uma combinação simples: uma série de paus, troncos e carvão, mas tudo misturado, compunham uma das primeiras conquistas da humanidade.

Uma fogueira!

Tal como as tochas, ficava fria e apagada quando estava no inventário, mas quando posta no chão, ganhava vida. E tal como as tochas, este fogo nunca se apagava! Quente e brilhante, cheirava muito melhor que... bem... digamos o odor a «casa de banho» que a rocha do Nether soltava ao arder.

— Summer! — gritei. — Vê só isto!

Ela nem se mexeu. Pensei em acordá-la com um abanão (se é que este mundo me deixasse fazer isso) ou até em desfazer a cama onde ela estava a dormir. Ela ficaria furiosa, sem dúvida, mas esta descoberta era demasiado importante para não partilhar! Mas seria mesmo?

Será que a fogueira significava que havia mais invenções à espera de serem descobertas ou era apenas um velho enigma que ainda não tínhamos tido a sorte de resolver até agora?

— Deve haver mais — disse à minha amiga adormecida. — Só tenho de continuar a tentar!

E foi o que fiz, e embora adorasse dizer-te que aquela noite me reservou descobertas fantásticas como armas de raios ou mochilas a jato, o que eu obtive foi antes uma série de novas mesas de trabalho que, na sua maior parte, não pareciam ser úteis no imediato.

Alguns itens pareciam versões diferentes de coisas que eu já tinha: uma versão quadrada de um baú de armazenamento com o aspeto de um barril, uma bigorna feita de pedra e uma fornalha superpotente que obtive ao dispor uma fornalha original sobre uma mesa de trabalho e rodeando-a de lingotes de ferro com pedra suave por baixo.

Outros itens pareciam melhoramentos ligeiros de coisas que já tinha construído, como uma mesa de trabalho que combinava lã e tinta para fazer vários estandartes e uma mesa de pedra com uma serra circular que podia usar para esculpir pedras.

— Fixe, fixe — murmurei, a recitar uma fala de um filme a que tinha assistido uma vez —, nada de entusiasmante, mas fixe.

Continuei o meu trabalho, a posicionar tudo o que tinha na mesa de trabalho, e criei mais duas bancadas com as quais não conseguia fazer nada. A primeira parecia outro recipiente de armazenamento, mas sem uma tampa e sem capacidade para guardar nada, enquanto a segunda parecia uma mesa de trabalho, mas com arcos, flechas e alvos em vez das ferramentas do costume.

OK, vamos fazer uma pausa. Se vives neste mundo há algum tempo e já sabes como usar todos estes aparelhos especializados, que bom para ti, mas tens de me dar um desconto, OK? Eu não tinha uma biblioteca onde podia encontrar explicações para tudo. Estava a agir na base da tentativa e erro... mas por esta altura os erros até pareciam ser mais do que as tentativas.

Estava prestes a desistir e a admitir à Summer que todos os meus esforços não me tinham levado muito longe quando a minha última mistura de madeira e papel me levou a criar aquilo que só podia ser uma mesa de cartografia.

Além de expandir um mapa já existente com apenas mais uma folha de papel, eu também podia finalmente fazer uma cópia! Isto era fantástico, especialmente para outros náufragos como eu! Se estás a ler este livro, provavelmente é porque o encontraste ao seguires os mapas copiados que eu tenho deixado pelo caminho.

— Nada mau — murmurei — para uma noite de trabalho.

— Bem, tens estado ocupado.

Girei sobre os calcanhares e vi a Summer a apontar com o seu punho cúbico para a sala, que estava cheia de itens novos.

— E vais ter de me explicar para que servem todas estas maravilhosas engenhocas... mais tarde.

Ela aproximou-se de uma das janelas e abriu o alçapão.

— Por agora, vamos lá subir aquelas colinas.

Eu nem me tinha apercebido de que já era de manhã. Tinha estado demasiado distraído para ouvir o som dos zombies a serem queimados pela alvorada (a versão deste mundo do cantar dos galos).

— Sim, claro — disse, enquanto punha a cópia do mapa na tal caixa-barril. — Vamos a isso.

Admito que estava um pouco sonolento, mas o fresco da manhã acordou-me logo.

Saímos da nossa cabana acolhedora e começámos a subir a encosta. Os avanços eram lentos, e não só por causa do terreno. As florestas são sempre perigosas ao nascer do dia. Há demasiada sombra, demasiados mobs escondidos. Subimos lentamente, com cautela, e com as armas prontas. Ainda não o sabíamos, mas havia uma nova ameaça à espreita, e não tinha nada que ver com mobs.

Mesmo antes de chegarmos ao cume, senti um cheiro estranho, mas familiar. Era estranho porque não pertencia a este vento gelado e seco, e familiar porque o tinha sentido pela primeira vez nas traves de apoio da cozinha da Summer. Era um cheiro a cabedal, e bem forte.

— Esta madeira... — comecei por dizer, e levantei o nariz no ar.

— Também o sinto — confirmou a Summer. — Só mais alguns passos.

Quando vi o que nos esperava do outro lado da colina, o meu queixo quase me caiu até aos joelhos. Árvores enormes, com quatro blocos de largura, erguiam-se sobre uma copa criada por árvores mais pequenas. Trepadeiras (sim, só podiam ser trepadeiras) subiam pelos seus troncos ou caíam como cortinas sobre a folhagem verde viva.

— Sim — disse a Summer em resposta à pergunta que eu não tinha feito —, aquilo é a selva.

Eu mal podia esperar para começar a explorá-la e deixar para trás este clima gelado que me fazia bater os dentes e me queimava o nariz com a geada.

— Vamos lá! — gritei, e comecei a correr pela encosta abaixo. Pensei que estava a ser cuidadoso. Tive a atenção de ficar alerta para mobs. Até me congratulei a mim mesmo por escolher um caminho de neve limpa, brilhante e relativamente fresca.

Um passo. Foi o quanto bastou.

Caí. Não através da neve, mas para dentro dela!

Fiquei envolto, a gelar, a sufocar. Olhei para trás, para a Summer, mas tudo o que conseguia ver era branco... a escurecer,

cada vez mais próximo! A minha visão estava a fechar em túnel! O que me estava a acontecer? Eu não podia... não... o frio deste mundo era apenas um desconforto. Não podia ser...

Pânico. A afogar os meus pensamentos enquanto a água gelada afogava o meu corpo.

Debati-me, bati os braços, gritei pela Summer. Lutei para respirar, para me mover. Dei pontapés, tentei saltar, subir, nadar de volta para a superfície. Os tremores a subirem-me pela espinha, a atravessarem-me o peito, abanaram-me como uma mão invisível. Eu sentia o frio a penetrar-me nos pulmões, a envolver-me o coração, e depois... de repente, desapareceu. Eu estava... quente? Como? Será que esta neve era especial? Será que depois daquele gelo inicial vinha este calor calmante e envolvente? Porque eu agora sentia-me calmo, e um pouco sonolento. Já não tinha vontade de me debater, só me apetecia dormir. Era uma sensação maravilhosa, como estar envolto num cobertor relaxante, seguro e branco.

Só uma sesta rápida. Só alguns minutos de paz e tranquilidade. Era nisso que eu pensava... Mas como, se o meu cérebro não parecia funcionar? A minha mente estava adormecida, desligada, incapaz de me dizer que eu estava a morrer de frio.

CAPÍTULO 2

— **G**uy!

A voz da Summer. Distante. Abafada.

— Guy, onde estás?!

Ela estava acima de mim e eu ouvia a sua voz cada vez mais alta, juntamente com um som rápido e constante de algo a ser triturado.

— GUY!

Um rasgo de luz do sol, ofuscante, chocante. Pisquei os olhos com dificuldade, disse com a voz arrastada:

— Suuuu...

— Guy! — A cara dela estava encostada à minha. Respiração quente, olhos nos olhos. — Guy, acorda! Por favor, acorda!

— Eu...

Os meus lábios, língua, cérebro... congelados.

A Summer fechou os olhos e suspirou.

— Lamento imenso por isto. — Um murro forte, em cheio no nariz.

Uma dor forte e repentina.

— Ei! — Eu estava de volta, presente, e a tremer de forma descontrolada.

— Segue-me! — gritou ela, e começou a escavar um túnel de forma furiosa na parede branca por trás dela. — Depressa!

Eu tentei, avançando aos tropeções atrás dela. Mas as minhas pernas pareciam feitas de chumbo e a minha visão continuava reduzida um círculo envolto por gelo.

— A-A-A... n-n-neve... — disse, por entre os dentes a choalhar.

— Luta contra isso, Guy! — gritou ela por entre uma pаза-da e outra. — Tens de lutar contra isso!

— A... — Nem sei o que estava a tentar dizer, mas a Summer interrompeu-me. — Não fales! Limita-te a seguir-me!

Eu tentei. Eu lutei. Mas se conseguires imaginar um daqueles desenhos animados em que alguém está a tentar pilotar um robot gigante, então imagina o meu espírito a lutar com os controlos do robot... e com todas as luzes de aviso a piscarem a vermelho. A minha visão afunilou-se e sentia a minha força vital a esvaír-se. Quantos mais segundos precisaria o frio para vencer?

Mexe-te! Segue! Luta!

Luz! Um quadrado de luz do sol.

A Summer já tinha passado, e eu segui-a logo depois! Luz do sol lá em cima, a selva lá em baixo.

TRUZ! O punho da Summer nas minhas costas, a derrubar-me colina abaixo.

— Continua! — Ouvi-a por trás de mim, a empurrar-me em frente.

Tropecei, coxeei, cheguei ao fundo da colina e depois senti um calor súbito e envolvente!

Se não conheces bem este mundo, isto pode parecer loucura, mas não estou a mentir quando digo que num segundo eu sentia-me tão gelado que nem conseguia andar, e no seguinte, estava envolvido por ar húmido e quente.

— Uouuuu — suspirei de forma longa e demorada, e depois debati-me como um peixe em terra enquanto sentia o frio a abandonar-me.

— Bem, isto foi inesperado — suspirou a Summer —, mas graças aos céus aconteceu perto deste bioma que mais parece uma sauna.

— P-Podes crer — disse com os dentes a bater, ainda a tremer por causa do choque térmico. Relembrei-me a mim próprio que lá porque as regras não fazem sentido para mim, isso não quer dizer que elas não fazem sentido.

— Suponho que teremos mesmo de estar alerta — continuou ela, a analisar a vegetação espessa em nosso redor —, agora que a nova mudança parece ter virado a terra contra nós.

— Mas tu já estiveste aqui, certo? — perguntei. — Já exploraste esta selva.

— Nem por isso... — respondeu a Summer. — Não por completo. O que eu fiz foi mais espreitar as bermas.

— Define «bermas».

— Mais ou menos aqui? — A Summer estava parada junto da base de uma árvore de onde brotavam as mesmas vagens de cacau que tinha visto na cozinha dela. — O tempo suficiente para roubar algumas destas vagens antes de voltar para a montanha.

— Certo — concordei eu, a anuir com a cabeça e a segurar na besta com mais força. — Então, estás a dizer que o que temos pela frente é território 100% inexplorado.

— O que eu estou a dizer — a Summer virou-se para encarar a selva — é que a sorte favorece os audazes.

Esta era a versão simplista da Summer da minha própria lição, que *com grandes riscos vêm grandes recompensas*, e conforme mergulhámos naquele labirinto verde tentei não pensar muito sobre que riscos poderiam ser esses.

O que se escondia na selva? Cobras? Plantas venenosas? Então e doenças? Não havia sempre pragas desagradáveis a nascer dos recantos quentes e cobertos de vegetação do meu mundo? Viviam na água, em morcegos e especialmente em insetos como os mosquitos. Este mundo sempre se tinha mostrado livre de insetos, mas talvez isso tivesse mudado juntamente com a introdução da neve assassina.

Por falar em neve, não me teria importado de ter um pouco dessa substância refrescante porque, após alguns minutos de caminhada, eu já estava a sofrer com outro pico de temperatura extrema. O calor. A humidade. Lembrou-me do tempo passado sob a minha ilha, quando descobri a caverna com a cascata de água e a lava. Essa experiência já tinha sido bastante desagradável, mas agora, a caminhada fazia piorar ainda mais o suor peganhento e salgado que me fazia arder os olhos. O chão estava coberto de arbustos ou, para ser mais específico, pequenas árvores de um tronco que faziam com que não houvesse dois quadrados seguidos ao mesmo nível. Para cima e para baixo, com o suor a escorrer.

— Seria mesmo típico da minha sorte — resmunguei. — Torturado pelo frio e pelo calor, mesmo a tempo de apanhar uma doença que me deixa a fazer cocó até à morte.

— O que disseste? — perguntou a Summer por cima do ombro.

— Ah, não é nada — murmurei, envergonhado —, estou só a desfrutar da paisagem.

— É mesmo espetacular — disse a Summer, a exibir o primeiro vislumbre de entusiasmo desde que tínhamos abandonado a sua montanha. — Vale bem esta sauna, não achas? — Eu não achava nada disso e não conseguia perceber como é que a Summer podia soar tão entusiasmada. Lá estava aquela resistência outra vez, aquele espírito pragmático que se ria na cara do desconforto. *Que rapariga estranha.*

— Acho que podemos continuar até ao meio-dia — disse ela com voz animada — e depois trepamos uma daquelas árvores enormes para almoçar, aproveitar uma brisa fresca e ver o que há em redor.

— Podemos subir estas árvores? — Olhei para cima, para um daqueles pilares que pareciam tocar nas nuvens. — Não vamos demorar uma eternidade a fazer uma escada?

— Não é preciso — disse a Summer. — Podemos subir pelas trepadeiras.

Isso era um alívio, tal como a ideia de uma brisa fresca. Mas pensar no assunto fazia a minha provação atual parecer ainda pior.

— Nunca pensei sentir falta do calor seco do Nether — disse eu, enquanto parava para tirar a minha armadura.

— Se fosse a ti, não fazia isso — avisou a Summer. — Não é boa ideia trocar a segurança pelo conforto.

— Mas como posso estar seguro — argumentei —, se estou demasiado distraído a sentir-me como um pedaço de manteiga no forno? — Gesticulei para o terreno irregular e disse: — E também não ajuda ter de fazer aeróbica para passar por cima desta folhagem.

— Então, vamos antes atravessá-la. — A Summer parou, sacou de dois lingotes de ferro e depois juntou-os para fazer uma tesoura de tosquiar. — Descobri estas tesouras muito antes de descobrir as ovelhas — explicou ela, virando-se para o cubo de folhas mais próximo — e durante imenso tempo...

Corte.

— ... pensei que eram tesouras de podar.

— Boa! — Posicionei-me atrás da Summer, enquanto ela abria caminho à tesourada. De forma lenta, mas segura, com blocos de folhas a saltarem para as nossas mochilas. Por vezes um túnel, por vezes uma trincheira. Eu continuava a nadar no meu próprio suor, mas pelo menos já não estava a afogar-me nele, o que me deu um pouco mais de paciência para poder apreciar este bioma fascinante.

Reparei em mais vagens de cacau e canteiros de melancias. E também havia alguns carvalhos com maçãs misturados pelo meio das árvores da selva.

— É bom saber que podemos viver do que a terra tem para nos dar — disse eu — sem termos de mexer nas nossas rações.

— Estava a pensar no mesmo — concordou a Summer, mas parou de repente quando ambos ouvimos...

— BLIIP.

Era um som curto e rápido, quase como o de um morcego, mas não exatamente igual.

Olhei para baixo, esperando ver novas versões da selva dos bichos-de-prata, enquanto a Summer olhou para cima e disse:

— Pássaros!

Pássaros!

Papagaios de cores vivas esvoaçavam de árvore em árvore. Havia um verde, um azul e até um multicolorido com uma cabeça vermelha e asas às riscas amarelas e azuis.

— Lindo — disse eu, e senti-me subitamente reconfortado por esta forma de vida aérea. A falta de aves (além de galinhas) tinha feito este mundo parecer muito mais estranho aos meus olhos. No meu mundo, as aves estavam por todo o lado, até mesmo nas cidades. Ainda me lembro dos suaves arrulhos dos pombos e de como gostava de lhes mandar mãos-cheias de migalhas.

— É bom ter pássaros — disse eu à Summer, que, sem perder tempo, respondeu: — Especialmente para o jantar.

— Ah, vá lá! — reclamei eu, o que trouxe ao de cima a gargalhada característica da Summer.

— Estava só a tentar irritar-te.

— E conseguiste — disse com uma careta, e estava a tentar pensar numa resposta à medida quando algo passou a correr pelo meu lado esquerdo. Era rápido e pequeno, e estava por trás das folhas.

Girei, besta erguida e pronta, e vislumbrei um pouco de amarelo sarapintado.

— Não te preocupes — afirmou a Summer —, é apenas um ocelote.

— Certo. — De repente, lembrei-me de ler sobre estes pequenos gatos da selva, e como a Summer tinha dito que os tinha visto por aqui. Supostamente, eram inofensivos (pelo menos para nós) e, se bem me lembrava...

— Não podemos dar-lhes de comer? — perguntei, sem tirar os olhos do sítio onde tinha visto o ocelote. — Os manuais não diziam que dar-lhes peixe os transformava em gatos domésticos?

— Por que raio é que iríamos fazer uma coisa dessas? — perguntou ela.

— Para termos animais amigos? — respondi eu, tentando parecer o mais óbvio possível. — Devias tentar às vezes, sabias. Se não fosse a *Muu*, eu nunca teria conseguido sair da ilha. — E para acabar, citei uma das minhas lições mais valiosas: — *Os amigos fazem bem à sanidade mental.*

A Summer retomou a caminhada.

— Contigo, isso é discutível.

— Que piadinha — disse com voz jocosa. — Podes brincar se quiseses, mas eu sei o que queres dizer...

— Claro que sabes. — A Summer acelerou o passo, forçando-me a acompanhá-la.

— Sim — continuei, com aquela confiança que só pode nascer de uma das minhas brilhantes perspetivas. — Tu gostas de te fazer de dura, mas eu sei que apenas estás a tentar proteger o teu coração de uma possível mágoa. Não te queres preocupar com um amigo animal no caso de algo...

A Summer parou, e por um segundo pensei que tinha tocado num ponto sensível.

— O que é aquilo? — perguntou ela, enquanto pedia que eu me aproximasse.

Ela tinha cortado os últimos blocos de folhas que nos separavam da margem de um grande lago de água rasa, e quando vi para onde ela estava a apontar, o meu monólogo astuto terminou num instante.

Do outro lado do lago estava um grande bosque do que à primeira vista parecia ser cana-de-açúcar. Mas os caules eram mais escuros e mais altos do que o costume.

— Nunca viste isto antes? — perguntei.

A Summer abanou a cabeça.

Atravessámos o lago com a profundidade de um bloco e aproximámo-nos cuidadosamente dos caules mais próximos. Ao erguer o meu machado, estava à espera de que um deles me agarrasse ou disparasse algum tipo de veneno. Depois de quase ter sido morto pela neve, estava pronto para tudo.

O primeiro caule desfez-se com o meu golpe e caiu aos meus pés tal como a cana-de-açúcar. Mas não se transformou em cristais brancos e doces na minha mão, e quando segurei em dois destes caules, eles apareceram como uma imagem fantasmagórica de um pau de madeira.

Bambu! Só podia ser. Ironicamente, na minha ilha, tinha começado por confundir a cana-de-açúcar com bambu. E agora, aqui estava ele.

— Acho que sei o que é isto — disse à Summer, que estava a olhar e a apontar para algo que vagueava pelo meio dos caules.

— E eu acho que sei o que é aquilo.

Um urso, e não era um urso qualquer. Branco e preto com uma cauda pequena e atarracada e um focinho facilmente reconhecível.

— Um panda! — Eu não me conseguia conter. — Isto é estupendástico!

— Calma aí — avisou a Summer —, não vás já fazer-lhe festinhas. Quem sabe o que a versão deste mundo é capaz de fazer?

— Em breve saberemos — disse eu, e comecei a caminhar alegremente na direção do panda. Eu percebia o que ela queria dizer quanto às regras diferentes deste mundo, e também me lembrei da minha própria lição sobre *nunca tomar nada como garantido*. E sim, dado que não tinha lido nada acerca destas criaturas em nenhum dos manuais, isso significava que elas provavelmente tinham acabado de surgir, o que queria dizer que eu não fazia ideia daquilo com que estava a lidar.

Mas vá lá, é um panda! Quem é que não quer fazer amizade com um panda?!

— Olá, amigo — cumprimentei eu enquanto estendia um talo de bambu para o panda —, tu deves gostar disto, certo?

O animal era grande; talvez não tão grande como um urso-polar, mas ainda assim grande o suficiente para me estragar o dia.

— Vá lá — disse eu, e dei mais um passo em frente —, vamos fazer deste o primeiro momento agradável de todo o dia.

O panda virou os seus olhos rodeados de círculos pretos na minha direção, aproximou-se um pouco e...

Crunch.

Ele aceitou a minha oferta e depois sentou-se (sentou-se mesmo, um ato maravilhoso para este mundo!) em cima do seu rabo gordo e achatado para desfrutar da refeição.

E depois, como se a fofura não fosse já suficiente, o panda terminou o seu petisco e rebolou pela relva como um cachorri-nho gigante.

— Olha só para isto! — disse com voz melosa, à espera de ouvir os elogios da Summer.

Mas eu já devia saber com o que contar.

— Será que os pandas são saborosos?

— Summer!

Ao ouvi-la a rir-se, a minha irritação foi substituída pela excitação.

— Temos de encontrar outro — disse eu, a olhar em volta.

— Temos de procriar mais e fazer, tipo, uma família inteira. Diz-me que isso não seria tão...

As minhas palavras esmoreceram na minha boca. Algo tinha chamado a minha atenção. Logo atrás daquela bola de pelo brincalhona estava uma cor que não pertencia ali. Cinzento contra um fundo verde arco-íris. E ao examinar por entre a cortina de bambu, apercebi-me de que estes blocos cinzentos faziam parte de uma estrutura.

— Aquilo ali — aponteí com o queixo — é uma casa?

— Parece mais um templo — disse a Summer — e se for o género de templo que há naqueles filmes de aventuras, é melhor termos cuidado.

As palavras da Summer trouxeram-me lembranças vagas de um herói de ação corajoso armado com um chicote.

— Também viste esses filmes?

— Nós somos de países diferentes — troçou a Summer —, não de planetas diferentes.

— Mas às vezes é o que parece — murmurei.

Depois de abrímos caminho pelo bambu, aproximámo-nos o suficiente para ver a estrutura completa, que se encontrava coberta por musgo e trepadeiras.

Tinha mais ou menos a mesma largura da minha casa na ilha. O piso térreo quadrado servia de apoio a um andar superior coberto por um telhado em pirâmide com quatro pequenas colunas nos cantos. Parecia abandonado, sem movimento nem luz artificial. E ao espreitarmos através da entrada sem portas, tudo o que vimos foi uma sala vazia.

Não havia mobília nem baús cheios de surpresas. Apenas dois lanços de escadas estreitas que subiam até ao próximo piso e uma grande escadaria central entre estes dois lanços que descia para a escuridão.

A Summer, como de costume, tomou a iniciativa e fez-me sinal para subir pelo lanço de escadas da direita enquanto ela subia pelo da esquerda. Subimos lentamente até ao piso de cima, vimos que estava tão vazio como o de baixo e depois, ainda mais lentamente, descemos até à cave.

A luz natural terminava ao fundo dos degraus. A Summer pôs uma tocha no chão, o que iluminou um corredor claustrofóbico com dois blocos de largura que corria de forma perpendicular aos degraus. O corredor continuava para a direita, onde parecia virar novamente na mesma direção. Mas para a esquerda não havia saída, apenas uma parede com três alavancas.

— Vamos investigar à direita em primeiro lugar — sugeriu a Summer —, antes de mexermos nessas alavancas.

Virámo-nos em direção à esquina e pusémos outra tocha.

A princípio, tudo o que conseguíamos ver era outro corredor. Nada de mobs, nada de perigos óbvios, e se esta fosse uma situação normal, teríamos continuado sem hesitar. Mas havia algo de estranho naquelas alavancas, e talvez tivéssemos na cabeça imagens dos filmes assustadores do nosso mundo. Sabes do que estou a falar, certo? Aquela cena em todos os filmes de aventuras em que o membro mais burro do grupo diz: «Acho que estamos seguros», mesmo antes de cair por um buraco no chão. Ambos devíamos ter visto cenas desse género, porque os nossos alarmes mentais estavam a dar sinal.

— Mais uma, para jogar pelo seguro — disse a Summer, e posicionou mais uma tocha mais ao fundo do corredor com a ajuda do seu hiperalcance.

— Ali está ele! — sibilou ela ao vermos aquilo que parecia ser uma cara ao longe. Estava ao fundo do corredor, com o tamanho de um quadrado. Dois pontos redondos por cima de um grande círculo central.

— É um distribuidor — declarei eu — carregado sabe-se lá com o quê.

— Concordo contigo — disse a Summer com um aceno de cabeça e, ao espreitar sobre o ombro, acrescentou: — E aposto que aquelas alavancas servem para desarmá-lo.

E foi isso que tentámos fazer, a ativar as manivelas com todo o tipo de combinações. Não sei do que estávamos à espera... talvez alguma luz ou som que servisse como um sinal de segurança?

Mas nada disso aconteceu, e após alguns minutos de frustração, a Summer levantou os seus punhos cúbicos no ar.

— Assim não dá — suspirou ela, voltando a descer o túnel.

— Nem sequer sei porque é que nos demos ao trabalho... — Posicionando-se à esquerda da linha de fogo do distribuidor, ela acrescentou: — Não devemos ter de nos preocupar, se ele disparar algo menor do que uma bola de fogo de um ghash...

— Para! — gritei, e a Summer ficou imediatamente imóvel.

— Lá à frente, em baixo, à tua direita!

A Summer não tinha visto o mesmo que eu, porque tinha estado a olhar em frente. Mas do sítio onde eu me encontrava, alguns passos mais atrás, reparei nuns anéis de ferro enfiados na parede.

— Aquilo é o gatilho!

Os olhos da Summer seguiram as minhas indicações e depois foram de um anel para o outro, ao longo do chão.

— Bem visto. E ali está o resto.

Semicerrei os olhos com força e consegui ver alguns fios de seda de aranha.

— Um arame de armadilha — suspirei. — Ainda bem que nos esquivámos.

Porque é que eu tinha de falar? Porque assim que as palavras me saíram da boca, a Summer esmurrou o primeiro bloco do fio... e uma flecha saiu disparada do distribuidor para se enterrar no ombro dela.

— Acho... que falhei... — disse ela com uma careta de dor.

— Eu trato do próximo — afirmei, e esmurrei o segundo quadrado. Desta vez, nada aconteceu (e até fiquei a sentir-me um bocado culpado).

— Deixa-me avançar primeiro — pedi eu. — Se houver outra armadilha, é justo ser eu a sofrer o golpe.

— Mas que cavalheiresco da tua parte — respondeu a Summer, e pôs-se atrás de mim.

Avançámos de forma lenta e cuidadosa até chegarmos perto do distribuidor.

— Afasta-te — disse, e saquei da minha picareta, esmagando a caixa da armadilha na parede. Sem perder tempo, juntei-a ao meu inventário, tal como as oito flechas que continha. — Fixe — declarei eu, grato por reabastecer o meu stock. — Isto foi tão lucrativo como um baú do tesouro.

— Eu não iria tão longe — disse ela, olhando para a direita.

Virei a cabeça e vi, logo após outra armadilha de redstone, um verdadeiro baú do tesouro por baixo de um segundo distribuidor.

— Fica para trás — ordenei eu, e apliquei um pontapé no redstone. Desta vez nenhuma armadilha foi ativada, mas, tal como antes, o distribuidor tinha um monte de flechas. — Isto está cada vez melhor — disse eu, enquanto a Summer abria o baú.

— Depois de tudo por que passámos? — A Summer estava a apontar para uns quantos lingotes de ouro e ferro. — Não há mais nada?

— Talvez não. — Olhei para trás, ao longo do corredor. — Talvez aquelas alavancas ainda guardem algum segredo. Se não estão ligadas às armadilhas, então devem ter outra função.

— Como ativar um calhau gigante? — Os olhos da Summer analisaram a sala. — Ou fechar as paredes para nos esmagar?

— Ou — argumentei eu — talvez levem ao tesouro real, como, sei lá, uma estatueta de ouro ou... — A minha mente saltou para outro filme. — Alguma vez viste aquele em que um homem e uma mulher partem numa aventura na selva e encontram uma esmeralda gigante?

— Acho que sim. — A Summer passou por mim. — E terei todo o prazer em debatê-lo contigo — disse ela e virou-se em direção às escadas —, depois de bloquearmos a porta e as janelas.

— Espera — disse eu. — Tu não estás a pensar...

— Vai ficar escuro em breve — disse a Summer, já perto dos degraus — e não queremos ser apanhados em terreno aberto.

— Não vamos ficar aqui — argumentei. — Mal consigo respirar. — O calor da selva já era mau o suficiente, mas no templo o ar parecia sufocante.

— Ah, para de te queixar — repreendeu-me a Summer. — É só uma noite.

— Sim, mas vai ser uma noite de sofrimento escusado.

— Tens uma ideia melhor?

— Por acaso — levei a Summer pelas escadas, para fora do templo e até junto da árvore mais alta —, até tenho. — Ela olhou para cima, para a copa da árvore, enquanto eu continuei o meu argumento. — Lembra-te de que me disseste que podíamos subir a estas árvores — disse eu ao agarrar uma trepadeira. — Bem...

Sim, foi um bocado assustador, trepar por aquela árvore alta. Mas a ideia era minha, e eu tinha de a vender à Summer. *Por favor, não caias, por favor, não caias.* Eu suava, sabendo que se caísse, ou morria ou ficava tão envergonhado que desejaria

ter morrido. Orgulho-me de dizer que a Summer nem deu por nada, mesmo quando cheguei ao fundo da copa das árvores e disse com confiança: — Então, estás à espera de um convite ou quê? — E com algumas dúzias de golpes de punho escavei uma escadaria que me levou mesmo até ao topo do tronco.

Uma brisa! Fresca e seca. Era a vantagem do vento deste mundo, que soprava sempre para leste. As colinas de neve por trás de nós estavam a soprar o ar fresco na nossa direção. *Isto quase compensa por me terem tentado matar*, pensei em silêncio, e depois fechei os olhos para absorver aquele ar condicionado natural.

— Não foi a tua pior ideia — disse a Summer, logo atrás de mim. Virei-me e vi que ela estava a preencher os buracos da escadaria com os blocos de folhas que tínhamos apanhado pelo caminho. — Só para o caso de um daqueles apreciadores de miolos tentar subir atrás de nós.

Sempre a pensar de forma prática, a Summer. Nem mesmo os zombies ou os esqueletos poderiam escalar até aqui, e as aranhas não conseguiriam subir e passar por baixo da copa das árvores para nos alcançarem. Estávamos seguros. Estávamos confortáveis. Não havia nada a fazer agora a não ser apreciar o pôr do sol e a vista espetacular.

— A selva é mais pequena do que pensava — afirmei eu, enquanto apontava com o meu punho cúbico para a orla do arvoredo. Era bizarro ver que tínhamos demorado quase meio dia a atravessar uma extensão que nos teria roubado apenas alguns minutos na taiga aberta. Ou fosse lá qual fosse o novo terreno mais à frente. — Aquilo ali é neve outra vez?

— É difícil dizer. — A Summer espreitou logo por baixo do sol que descia em direção à linha do horizonte. O terreno era mais claro e estava desprovido de árvores, mas a cor parecia um pouco mais escura do que a neve que tínhamos deixado para trás. — Amanhã já vamos descobrir — disse ela, enquanto pousava uma mesa de trabalho. — E acho que está na hora de usarmos aquela nova mesa de cartografia que descobriste.

— Boa ideia. — Combinei quatro blocos de madeira com um punhado de folhas de papel. — Estamos praticamente na berma deste mapa, por isso devíamos pensar em criar um novo. *E em copiar este, pensei, para os novos viajantes que nos seguirão.*

— Só um momento. — A Summer começou a pôr tochas nos quatro cantos do topo da árvore. — Não quero que nenhum monstinho apareça de surpresa cá em cima.

— A segurança nunca é demais — concordei, enquanto juntava os ingredientes para um novo mapa.

OK, primeiro a bússola, por isso uma pitada de redstone e quatro lingotes de...

TRUZ!

Alguma coisa atingiu-me com força no ombro.

Tropecei para o lado e girei sobre mim próprio, à procura da minha espada.

Nada! Nenhum zombie tinha surgido, nenhuma aranha tinha trepado.

— Mas o que...

— *Guy, tem cuidado!* — O alerta da Summer chegou aos meus ouvidos demasiado tarde.

Fui atingido outra vez, agora na nuca. Senti dentes, afiados e frios, e ouvi um sibilo ríspido.

— Lá em cima! — A Summer correu para o meu lado enquanto apontava o arco para o céu.

A princípio tudo o que via eram as estrelas, pequenas, pálidas e a moverem-se lentamente na mesma direção... com a exceção de um punhado que se dirigia diretamente para nós! Consegui distinguir um par de luzinhas verdes a circular por entre os pontos brancos.

FRP-FRP. O som de asas a bater.

— Ali! — A Summer apontou o arco a uma face que se aproximava. Era escura e estreita, com olhos que cresciam a cada segundo que passava.

Mas o «Hhhhhhaaaahhhh!» ríspido foi interrompido pelo VUP do arco da Summer. A flecha acertou no alvo e os olhos saltaram para cima, acompanhados por um guincho de dor agudo: — Caaaah!

À luz ténue das tochas conseguimos ver, finalmente, o corpo do nosso atacante: uma criatura azulada e ossuda parecida com um morcego que batia as asas para tentar ganhar altitude.

— Acertaste-lhe! — gritei de alegria, enquanto sacava da minha besta.

— Mas não foi suficiente. — A Summer preparou outra flecha. — Vê se consegues encontrar os outros.

Gulp. Outros?

De besta erguida, observei o céu. Ali estava aquele que a Summer tinha atingido, a dar a volta para outro ataque em mergulho. Mas os outros...

Ali! Um segundo par de olhos a crescer enquanto descia.

Vem apanhar-me. Apontei com calma e concentração. Mas a concentração era tal que me esqueci do quão perto estava da berma.

— Guy!

Demasiado tarde. Uma terceira criatura empurrou-me em frente.

Caí pelo meio do escuro!

SPLASH!

O lago! Estávamos mesmo por cima dele; aquela pequena camada de água salvou-me a vida.

— Aaaa-aaahhh!

A segunda criatura (ou talvez fosse a terceira) voltou a atacar-me.

— Desta vez, não! — gritei, e alinhei o meu disparo.

Aponta, respira, calma no gatilho...

FLIQUE.

A besta disparou. A criatura sibilou de dor. Fiquei a vê-la a subir para longe, mas fiquei paralisado quando vi outra a mergulhar logo por trás dela!

Não tinha tempo para recarregar! Esquivava-me? Usava o escudo?

Ela estava mesmo em cima de mim, com aqueles olhos mortiços a prenderem-me no lugar... e havia algo por trás dela? Um rasgo de diamante, uma espada!

«Caaaah!» Fumo!

A Summer! Ela tinha saltado da árvore e aplicado um golpe à criatura morcego a meio do ar! Parece que afinal esta selva sempre tinha um herói de ação.

— És a maior! — disse eu, enquanto a minha salvadora chapinhava ao meu lado.

— São... demasiados — respondeu ela, ofegante. — Para o templo!

Quase que argumentei contra a Summer, convencido de que podíamos facilmente lidar com outras ameaças aéreas. Mas depois baixei os olhos e vi o que tínhamos à nossa volta.

A Summer não estava apenas a falar das novas ameaças por cima das nossas cabeças, mas também de todos os mobs normais que tinham os pés (ou patas) assentes na terra. Eu conseguia vê-los agora: esqueletos, zombies e os olhos brilhantes e cor de sangue das aranhas.

— O templo! — repeti, chapinhando atrás da Summer enquanto algo saltava para a minha mochila. Era um pedaço de uma substância suave, húmida e parecida com matéria cerebral do morcego, e embora mal tenha dado por ela na altura, esta substância iria literalmente salvar-me a vida muito mais tarde.

FLP-FLP. Aquelas asas outra vez, a baterem perto. Não olhei para trás; limitei-me a trocar a besta por uma espada.

— Aaaa-aaaahhhh!

Virei-me e desferi um golpe com força, atingindo a criatura em cheio na cara.

— Ah pois é, bebé! — gritei em jeito de vitória, mas em troca recebi uma flecha de um esqueleto.

Caso te tenhas esquecido, eu não tinha nenhuma armadura vestida. Eu tinha-a despido há umas horas por causa do calor e

durante este ataque não tinha tido tempo para voltar a vesti-la. Ou seja, mais algumas flechas, ou até alguns murros de zombie, e podia dizer adeusinho à vida!

— Não pares por nada! — A Summer deve ter pressentido que eu estava a pensar em parar para vestir a armadura. — O templo está mesmo ali! — Ela tinha razão. Eu conseguia ver a luz das tochas a tremeluzir por entre as folhas.

Eu corri, por cima, por baixo e à volta de tudo o que tínhamos pelo caminho, ao som de uma sinfonia assustadora composta por grunhidos de zombies, pelo estalar dos ossos dos esqueletos, pelos sibilos das aranhas e pelo bater de asas das criaturas voadoras.

Estávamos quase lá, só faltava contornar mais um pequeno tronco de árvore. Mas aquilo não era um tronco.

A criatura piscou... sibilou...

Escudo!

Levantei a barreira de ferro e madeira mesmo a tempo de me proteger da explosão do creeper.

Iluso, mas atordoado, com os ouvidos a zumbir, olhei em volta à procura da luz. Onde estava o templo?

— Continua! — Era a Summer a empurrar-me pelas costas.

A minha cabeça e visão aclararam e vi o contorno de uma estrutura de pedra com musgo.

— Tapa tudo! — A Summer já estava a enfiar cubos de folhas na entrada. — As janelas, tudo! — Eu nem queria saber se tapar as janelas iria bloquear o nosso último sopro de ar fresco. Não há nada como o medo da morte iminente para nos ajudar a esclarecer as nossas prioridades.

Estava a encher a última janela de folhas a toda a pressa e prestes a dizer «Acho que estamos seguros agora» quando, de repente, caí por um buraco no chão.

Felizmente, aterrei noutra sala logo abaixo e, para minha grande sorte, a única coisa que essa sala continha era outro baú do tesouro.

— Ei, Summer — gritei para cima, enquanto colocava uma tocha na parede. — Tens de ver isto!

— Hmm... — A cara da Summer apareceu no meio do buraco lá em cima. — É difícil acreditar que deixámos passar esta sala.

— Se calhar não deixámos — sugeri eu. — Talvez mexer nas alavancas tenha aberto a sala.

A Summer anuiu com a cabeça e saltou para junto de mim.

— Espero que também tenham desarmado as potenciais armadilhas à volta do baú.

Eu não tinha pensado nisso e voltei rapidamente a vestir a minha armadura.

— Vejamos o que... — A Summer abriu o baú e disse: — Olha agora, o que é isto?

Ao espreitar por cima do ombro dela, vi que o baú continha uma pá de pedra gasta, algumas barras de ferro e, um pouco inesperadamente, uma grande joia verde.

— Uma esmeralda! — gritei. — Tal como no filme!

A Summer não parecia impressionada com a coincidência e examinou a joia brilhante com um olhar mais prático.

— Deve ser útil, como os diamantes, mas ainda mais forte.

— Vamos descobrir! — gritei com entusiasmo, e montei a minha mesa de trabalho.

— Depois de uma boa noite de descanso. — A Summer pegou na sua picareta e abriu uma saída para a escadaria. — Bem que nos vai fazer falta para enfrentarmos a selva amanhã.

— Sim, tens razão — assenti enquanto ela subia a escadaria.
— Vou só experimentar algumas combinações rápidas primeiro.

Mas desta vez eu estava a ser sincero. Porque, ao contrário da noite anterior, as possibilidades eram limitadas. Se esta esmeralda era um substituto do diamante, então tudo o que eu podia fazer era uma pá, o que se revelou impossível. Tentei pensar noutras combinações, noutros materiais a acrescentar, mas tinha passado tantas noites sem dormir que o meu cérebro parecia tão duro como tijolos cozidos no forno.

— Amanhã — disse com um bocejo, enquanto subia os degraus para pôr a minha cama ao lado da cama da Summer. — Amanhã logo penso nisto.

NINGUÉM ESTÁ A SALVO. OU SERÁ QUE ESTÁ?

I Guy e a Summer têm uma missão: encontrar o caminho de volta para casa. Sem morrerem. E sem se separarem.

Quando descobrem uma comunidade povoada por aldeões, sabem que é a altura certa para explorar, fazer trocas e planejar os próximos passos da sua viagem rumo a casa.

Mas há um aldeão desaparecido, zombies à solta, bruxas sem-fim, aventuras e muitas lições para os pôr à prova e testar a sua resistência!

LÊ TAMBÉM:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

penguinlivros.pt
 penguinkidspt

10+

ISBN: 978-989-583-868-4



9 789895 838684